

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração — Calçada do Combro, 28-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
Enf. tel. 744 — Lisboa — Telefone 7
Officinas de impressão: Rua da Alameda, 134

APARTE

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A AGITAÇÃO NA ALEMANHA

Não nos tem permitido os últimos acontecimentos — os quais, devido à inépcia dos governantes, tomaram proporções gravíssimas — ocupar-nos da agitação comunista que vai alastrando, impetuosa, através da Alemanha.

Comçou essa agitação, como se sabe, por alguns partidários da monarquia, chefiados por von Kapp e pelo general Lüttwitz, fomentarem a sua revolução. Contra a revolta dos elementos imperialistas, os social-democratas, que estavam no poder e pouco se preocupavam com a misérrima situação do proletariado, lembraram-se deste, na ocasião alvíssima em que o seu poder abalava, para que viesse em sua defesa, provocando a greve geral a fim de dificultar a acção monárquica. Foi a greve geral a perdição dos monárquicos e dos pseudo-socialistas, porquanto os trabalhadores, que não podem de maneira alguma aceitar o regime imperialista que os arrastou à guerra e a fome, também estão — conforme declara no *Excelsior* um francês chegado da Alemanha — «amargamente desiludidos pela incapacidade dos republicanos semi-socialistas e burgueses». Voltou-se, pois, o feitiço contra o feitiço, ou melhor, contra os felicitários. A revolução comunista surgiu da greve. Os espartaquistas, elementos extremistas e combativos, cujos movimentos insurreccionais tem sido numerosas vezes liquidados pela violência dos pseudo-socialistas, abafados em sangue, estando ainda na memória de todos os mortos bárbaros de Rosa Luxemburgo e Carlos Liebknecht, voltam, agora com mais força, a lutar pelo ideal libertário.

O ímpeto foi irremovível, e o governo dos sovietes foi estabelecido em muitas cidades. Diz *El Sol* que a revolução comunista se estende por todo o país e que as tropas e operários se entregam a sangrentos combates. Isto é absolutamente verdadeiro, fazendo fé pelos telegramas que vêm através da própria imprensa burguesa. A cidade de Essen — onde a indústria das armas de guerra está desenvolvidíssima, tendo, por assim dizer, esta cidade sustentado uma boa parte da guerra europeia — está em poder dos comunistas. Herne, Hottling, Gellert e Kuppertail, que ficam perto de Essen, caíram igualmente em poder dos espartaquistas. Kiel, cidade ao norte de Hamburgo, está nas mãos dos revolucionários, tendo-se ali travado pelejas renhidas e estando já organizadas as tropas vermelhas. Em Berlim, capital da Alemanha, as batalhas sucedem-se, Eberfeld e Bernau caíram em poder dos revoltosos. Ochs e Hettingen estão ocupados pelos comunistas. Em Bremen, cidade importante, teme-se a sublevação dos elementos da extrema esquerda e, depois de encarniçada luta, Haggen e Weter, caíram em poder dos espartaquistas.

Além dos grupos revolucionários, que vão aumentando duma maneira assombrosa, organizaram-se os comunistas um exército de 75.000 a 100.000 homens bem agüerridos, contra os quais as tropas do governo, dizimadas em vários pontos, nada podem fazer.

Cada vez é mais profunda a distância que separa os partidários do governo social-democrata, dos operários. Creemos que não haverá força que possa opor-se à avalanche comunista, que ameaça tudo quanto seja reacção e falsos, que avança, progride, alastra, e está nos pontos onde menos se espera, atirando de pernas ao ar os socialistas burgueses e os militaristas monárquicos.

Pela defesa da vida! Pela Liberdade!

Cidadãos:

A União dos Sindicatos Operários vem a público lavar o seu veemente protesto contra os actos de violência e assassinio cometidos contra a população indefesa, e nos que o pavor injustificado de uns e a soberba estúpida do mando de outros, determinam.

A ferocidade exterminadora chegou ao momento agudo, e já não se pode caminhar ordenadamente nas ruas, como não se pode estar sossegado em casa.

O pavor sobrepe-se à serenidade. O sentimento da humanidade obliterou-se pelo ódio feroz e sanguinário dos homens a quem foi confiado o encargo de velar pelo sossego e pela paz pública.

Homens de mais crassa ignorância, que habitavam no campo ou na oficina, onde eram úteis a si e à sociedade, foram arremessados para a guerra, transformaram-se em militares profissionais, fizeram neles reviver os sentimentos ancestrais de animalidade feroz, e os homens armados até aos dentes, acometendo contra a população numa fúria doida, de canibais que sentem ânsias de embriagar-se no sangue daqueles que assassinam.

A isto se chegou e não se está de toda a população de Lisboa não fazer ecoar o seu protesto decisivo, num levantamento formidável e unânime que faça entrar na ordem os indivíduos responsáveis por tais anomalias, absolutamente impróprias da hora, que decorre.

E a vida de toda a população que está em perigo!

E a liberdade que se dissolve como nuvem armada pelo vento tirânico dos dominantes deste país!

Desnecessário será tornar público o que do público é conhecido e vem a ser que as classes que se lançaram na luta pela conquista dum salário mais elevado o fizeram impulsionadas pelas imperiosas necessidades determinadas pela situação da qual se convencionou cha-

LIBERATO & BAPTISTA

O que lhe posso afirmar é que o governo pode não contar com o apoio de certos sectores da população. Aíla pode considerar-se um governo forte. É forte todo o governo que tem a força a seu lado, e este governo tem a certeza de ter por si, além da guarda nacional republicana, e da guarda fiscal, o exército e a marinha. Já vê, não é verdade? Toda a força, todo o prestígio para poder dum momento para o outro restabelecer a ordem.

(De *A Capital* de 21 do corrente).

Tempo houve em que a boca dum cabo de esquadra era o clássico repertório da asneira mais disparatada.

Mudaram os tempos, e aquilo que ontem era uma verdade incontestável, tornou-se numa injúria evidente.

Assim, nenhum dos actuais cabos de esquadra seria capaz de proferir a monstruosidade que acima transcrevemos.

Quem é então o seu autor?

O sr. Liberato Pinto, chefe do estado maior da guarda republicana, um dos mais fortes estírios dos governantes, irmão sítier do actual presidente do conselho.

Para esse homem, a solução adequada aos diversos incidentes da questão social, reside nisto: dar para baixo.

Para ele, a força dum governo não está na forma criteriosa como encara e resolve os conflitos que a luta de classes faz nascer diariamente, nem tampouco reside na maneira habilidosa com que, por inteligentes concessões, evita a dureza do embate das forças antagonistas.

Para esse homem, o prestígio dum governo não nasce da forma como equilibra a balança dos interesses sociais, atenuando, embora transitóriamente, a injustiça que pesa sobre aqueles que nada têm.

Não. Para ele, a força dum governo avança-se pelo número de espadas e espingardas que tem ao seu dispor, e o prestígio aquilata-se pela maneira pronta e feroz como as faz manejar.

Quis a natureza, não sabemos por que capricho, que a cabeça de quem assim pensa e fala tivesse a configuração da cabeça dum homem. Mas, homem na forma, as suas ideias, pela ferocidade que revelam, pela imbecilidade que resumam, tornam-no diferente da nossa espécie.

Feliz, como todos os pobres de espírito, ele viu aliar-se ao benevolente capricho da natureza o não menos apreciável capricho da política.

Assim, a sua situação é a de ponto de

mar, ordem pública. Tudo o mais que tem havido, e que determinou já algumas mortes, correrias, ferimentos, etc., só aconteceu depois que a força armada saiu para a rua.

Enquanto se conservou nos quartéis, nada houve. Nos locais onde não comparece, não se regista qualquer acontecimento grave.

Que significa isto?

Que os promotores dos acontecimentos que têm enlutado a cidade, são os que ordenam a saída das tropas.

E por tal forma lhes embrutecearam os sentimentos, por tal forma as envenenaram moralmente, que até em simples conversas entre graduados na rua, no café, nos corredores das repartições públicas, etc., se revela o seu estado de espírito, por isso que confessam abertamente o seu desejo intenso de fusilar toda a gente, para satisfação da sua sede de sangue humano.

E assim estão os chacais. Qual o intuito?

Que fim se pretende atingir?

Eis o que se pretende esconder ao povo, na suposição de que o povo, o eterno enganado, o eterno sofredor, se submeta, mais uma vez, rojando-se sob a pata esmagadora e assassina da guarda republicana, ou simplesmente dos sr. Baptista e Liberato.

Mas, não por demais conhece o povo que por detrás daqueles actos cambaleantes, estão outros actos: há o latrocínio dos grandes financeiros, os crimes hediondos e premeditados dos assaltantes, que enriquecem à custa da miséria pública; há a reacção conservadora e política que pretende dar estabilidade indefinida a esta sociedade corroída pela protervia, que está caindo ao pé dos seus crimes, depois de os dirigentes darem a mais cabal demonstração de incapacidade administrativa.

Que fazer, então, óh povo, óh trabalhadores, óh assalariados, vítimas todos nós dos chacais armados, dessas hordas canibais da guarda pretoriana que assassina impunemente gente indefesa, para glória e satisfação dos reacçãoários e assaltadores?

Que fazer, sim, em face desta situação? Deveremos cruzar os braços e consentir tanta violência?

A União dos Sindicatos Operários, sentinela vigilante dos interesses gerais do operariado de Lisboa, lavrando o seu indignado protesto contra a malvadeza das hordas do mando dos assaltadores e dos governantes falidos, chama por este meio a atenção das forças operárias organizadas para que se ponham a postos, prontas a abandonar a ferramenta, para que o seu protesto seja mais fundo e se faça sentir em toda a sua pujança e altivez.

E a população em geral dirá a U. S. O. que se não secundar o protesto será vítima igualmente da sua falta de decisão e energia.

É necessário afirmar altisonantemente, e sobretudo a repulsa contra o assassinio legal, cometido para encobrir o roubo e o latrocínio dos que se locupletam à custa da fome do povo!

Apostos, pois!

Abaixo os assassinos do Povo! Viva a Liberdade!

U. S. O. de Lisboa

Nem mentir sabem...

O governo mandou dizer para os jornais que «a maioria dos componentes das classes em greve deseja retomar o trabalho, mas que o não faz por se encontrar sob a pressão de uma minoria de discólos e audaciosos, alguns estranhos às respectivas classes, que se impõem pela ameaça e até pela violência».

Nem mentir sabem estes governantes de pacotilha. Fingem ignorar que as greves são votadas pelas classes e que só se mantêm enquanto essas classes não resolvem o contrário. Habitado à vida de caserna, supõe o maldito coronel que a vontade dos trabalhadores se assemelha à subserviência dos automatos que giram aos ordens do ditador Liberato.

Entre os primeiros e os segundos há, porém, uma distância enorme.

Mas, admitindo que as coisas se passavam da forma como para a imprensa manda dizer o governo, como é que se há de acreditar no que afirma, quando os tais discólos e audaciosos estão nos fortes de Sagres e de Monsanto, o que todavia não obsta a que as greves se mantenham com a mesma firmeza dos primeiros dias?

Operários da construção civil para que a nossa ignorância se mantenha fechada-vos as vossas escolas.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

Prossigam no cometimento de crimes, já que o seu programa é esse: unicamente esse. Ponham um quartel em cada rua, apontando uma espingarda ao peito de cada operário.

Exatam, aleguem torridos as espadas que os seivem. Dia virá em que elas esbarão do nosso lado, em defesa da Liberdade inteira, que eles, lacaios do capitalismo, não podem ver, como não podem ver a luz os mochos e os moreços.

EM FACE DO PATRONATO

Corporações em luta

Telegrafo-postais Metalúrgicos

'A Batalha' ante os grevistas

Mau grado nosso, não inserimos ontem a nota oficiosa do comité telegrafo-postal em consequência dessa nota só ter chegado à nossa mão depois de *A Batalha* estar impressa. Inserimo-la hoje, esperando que o acontecimento se não repita, porque o facto do nosso jornal não ter publicado a referida nota causou um justificado descontentamento entre a numerosa classe telegrafo-postal, igualmente aos que aqui trabalham causou desgosto, não só porque se trata duma corporação que tem pela *Batalha* as mais vivas simpatias, mas também porque luta, com uma admirável coesão, por uma justa causa.

Alguem deve ter ficado satisfeito: o governo. E mais satisfeito ficaria se o lapso se repetisse, uma vez que, na insistência de contrariar a acção dos bravos combatentes, não hesitou em pedir aos jornais que se abstivessem de inserir as notas dos comités de greve. A nós teve o bom-senso de não nos fazer semelhante peço, porque calculou e muito bem, que repeliáramos indignadamente o seu apelo. Mas dirigiu-se a outros jornais e — o que é sintomático — muitos órgãos de publicidade aquiesceram a tal solicitação, dando assim público testemunho de que estão de cócoras perante o poder.

Aprez-nos registar a digna atitude de *O Combate*, que briosamente se opôs a cumprir um pedido, mas uma ordem que nesse sentido lhe foi transmitida por um dos secretários do presidente do ministério.

Ao que dessem estes estadistas de pacotilha!

A despeito dos desesperados esforços que o governo e os seus agentes têm posto em prática no intuito de anular as justas reclamações dos telegrapho-postais, estes mantêm uma solidariedade digna de registo. Ao grotesco edilidade anteontem à estampa pelo jovem ex-governador civil sr. Prestes Salgueiro, que intimou os grevistas a apresentarem-se imediatamente nas respectivas repartições sob pena de lhes ser levantado auto de abandono de lugar, responderam os nossos camaradas com a mais admirável persistência na luta. Está a coisa diabólica. O pior é que também já o estiveram em 1917, e depois de terem sido mobilizados, os seus aparelhos continuaram parados, como agora, e as cartas acumularam-se, também então, e aliim e ao cabo — todos regressaram muito dignamente aos seus lugares, como irá suceder também a breve trecho.

Bem se esbafam as tubas governamentais a proclamar que o serviço está a caminho da sua normalização e muito se mexe o mestre da fábrica de Barcarena — por irrisão ministro do comércio — no intuito de dar a impressão de que tudo entra nos eixos, mas possibilidade de se verifica de se receber uma cartinha e muito menos de se lobrigar um telegrama.

E assim há de ser, quer os governantes o queiram, quer não, enquanto não tratarem dignamente com os representantes da organização sindicalista dos telegrapho-postais.

Nota oficiosa de ontem

Apesar do edital da autoridade, intimando o pessoal dos correios e telegraphos a retomar o trabalho, nenhum funcionário, de qualquer categoria ou serviço, se apresentou.

Causou justificada estranheza o facto do edital não vir assinado pelo administrador geral, mas sim pelo sr. António Maria da Silva tendo sido demitido do seu cargo.

O sr. ministro do comércio nomeou *Correios*, todos os soldados que saibam ler e escrever. Que falta de tacto, julga o governo solucionar assim a greve. Como se enganava.

As autoridades do Porto convidaram para desempenhar serviço na Central, Telegrapho-Postais, os ex-telegraphos oficiais Armado Mendonça e João Jacinto, demitidos por terem aceitado cargos de confiança durante o regime da chamada «traição».

Porém, os convidados recusaram-se terminantemente a atropelar a causa dos grevistas.

As prisões violentas, injustificadas e arbitrárias, levadas a efeito, só procuram, como consequência, uma mais completa união.

O comité, querendo demonstrar que não deseja proter o conflito a que, antes, procura encontrar uma solução aceitável, nomeou uma comissão que já junto das associações comerciais e industriais, tentará mais uma demarche.

Não tem o menor fundamento as informações de restabelecimento de serviço ou a apresentação do pessoal.

Em Lisboa simula-se, é facto, uma normalização de serviço postal que tem causado grande histeria.

Saúde, coragem e firmeza! Viva a greve Telegrapho-postal.

O Comité Central dos Correios e Telegraphos

Nota oficiosa

Ativo e sobremaneira enérgico, prosseguiu a vovmento do proletariado metalúrgico, apesar das reiteradas perseguições de que a mesma classe é alvo por parte do governo, que, sem deixar qualquer obstáculo, se empenha em manter a situação de guerra que se constitui no seu serventismo vil e rasteiro.

Continuam as negociações entre o Sindicato Unificado Metalúrgico e a Associação Industrial Portuguesa para a solução do conflito, assim como com algumas companhias e empresas mais que não estão filiadas naquela associação industrial, e que não se mostram intransigentes, antes aceitam as reclamações do sindicato sem relutância por as considerarem atendíveis.

O pessoal da Central Tejo, apesar de se constantemente instigado para que retorne o trabalho, continua firme e solidário como no primeiro dia, não importando com a falta de trabalho, que tem obrigado os trabalhadores a trabalhar na produção da electricidade.

A obstrução de alguns dos industriais tem vindo a prejudicar bastante grandes. Assim, podemos enumerar, entre outras: a paralisação forçada de muitos operários corrieiros, a interrupção do trabalho dos fornos da borraça, etc., sem contarmos com os prejuízos materiais ocorridos na Central Tejo, ocasionados pela inaptação de quem ali trabalha com as caldeiras e os alternadores.

Nas áreas das nossas secções espalhadas pela cidade e arredores continua a paralisação na totalidade, recebendo de todos os comités locais e comissões de fábricas e oficinas.

Acções de uma notícia ontem publicada pelo jornal *O Sentido*, respeitante a ter a comissão de demarches deste sindicato procurado intermédio nas negociações entre a classe metalúrgica e os industriais, respondendo a este comite com o mais formal desmentido.

Não precisa a classe metalúrgica de intermediários, posto que tem energia mais que suficiente para lutar e, conseqüentemente, levar a bom termo os seus movimentos.

Protesta por isso veementemente contra os pescadores de águas turvas, que não têm o direito de se lançar na classe trabalhadora, procurando, no entanto, ainda informá-las erradamente.

Metalúrgicos: este facto, se não estiveres já de sobressaído sobre os jornais burgueses, bastaria, por si, para lhes fazerdes a *boycoote*.

Não deveis comprar outro jornal além do *Batalha*, porta-voz da organização operária, e o único jornal que este comite utilizará para vos enviar as notas oficiais.

Salde, Coragem e Firmeza! O Comité Central dos Correios e Telegraphos.

Salde, Coragem e Firmeza! O Comité Central dos Correios e Telegraphos.

Salde, Coragem e Firmeza! O Comité Central dos Correios e Telegraphos.

Salde, Coragem e Firmeza! O Comité Central dos Correios e Telegraphos.

Um manifesto

O comite central fez ontem distribuir profusamente um manifesto, do qual extraímos os seguintes trechos:

Operários da metalurgia! Estranhos já na terceira semana de luta, estais já bastante habituados ao trabalho em greve, mas, que o termo da nossa greve não seja para vós o fim da vossa luta, mantem, imperturbável, o entusiasmo dos primeiros dias.

Consta-nos que nesta entrevista será resolvido qualquer coisa de concreto sobre a solução do conflito.

Na central Tejo apenas trabalham os foguistas e maquinistas da armada, continuando o pessoal solidário com os seus restantes camaradas da metalurgia.

O pessoal metalúrgico da Companhia dos Tabacos, apesar de contar com a greve de 50 dias de luta, mantem, imperturbável, o entusiasmo dos primeiros dias.

É destituida de fundamento a notícia ontem dada por um jornal da manhã, em que se dizia que a comissão de melhamentos dos metalúrgicos teria resolvido entrevistar o ministro do Trabalho para lhe pedir a sua interferência na solução do conflito.

Um manifesto

O comite central fez ontem distribuir profusamente um manifesto, do qual extraímos os seguintes trechos:

Operários da metalurgia! Estranhos já na terceira semana de luta, estais já bastante habituados ao trabalho em greve, mas, que o termo da nossa greve não seja para vós o fim da vossa luta, mantem, imperturbável, o entusiasmo dos primeiros dias.

Consta-nos que nesta entrevista será resolvido qualquer coisa de concreto sobre a solução do conflito.

Na central Tejo apenas trabalham os foguistas e maquinistas da armada, continuando o pessoal solidário com os seus restantes camaradas da metalurgia.

O pessoal metalúrgico da Companhia dos Tabacos, apesar de contar com a greve de 50 dias de luta, mantem, imperturbável, o entusiasmo dos primeiros dias.

É destituida de fundamento a notícia ontem dada por um jornal da manhã, em que se dizia que a comissão de melhamentos dos metalúrgicos teria resolvido entrevistar o ministro do Trabalho para lhe pedir a sua interferência na solução do conflito.

Um manifesto

O comite central fez ontem distribuir profusamente um manifesto, do qual extraímos os seguintes trechos:

Operários da metalurgia! Estranhos já na terceira semana de luta, estais já bastante habituados ao trabalho em greve, mas, que o termo da nossa greve não seja para vós o fim da vossa luta, mantem, imperturbável, o entusiasmo dos primeiros dias.

Consta-nos que nesta entrevista será resolvido qualquer coisa de concreto sobre a solução do conflito.

Na central Tejo apenas trabalham os foguistas e maquinistas da armada, continuando o pessoal solidário com os seus restantes camaradas da metalurgia.

O pessoal metalúrgico da Companhia dos Tabacos, apesar de contar com a greve de 50 dias de luta, mantem, imperturbável, o entusiasmo dos primeiros dias.

É destituida de fundamento a notícia ontem dada por um jornal da manhã, em que se dizia que a comissão de melhamentos dos metalúrgicos teria resolvido entrevistar o ministro do Trabalho para lhe pedir a sua interferência na solução do conflito.

Um manifesto

O comite central fez ontem distribuir profusamente um manifesto, do qual extra

